



Director literario:

*António*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Edwardo Lalle*  
PAPUSSE



# CORAGEM recompensada

Por Maria Branco

- Desenhos de Tiotónio.



ERA uma vez um rapazola desembaraçado e esperto que foi oferecer os seus serviços, a certo avaro em cuja casa jámais parava criado algum.

Ora a primeira pergunta que cautelosamente este fez a António, era se sabia ler. Avisado por seus pais, negou a verdade ao patrão e ele mandou-lhe varrer o quarto, desmantelado e sujo abandonando-lhe três grossos volumes.

Mal se viu sózinho, correu

António a rebuscar nos alfarrábios o mistério que envolvia o seu novo amo.

Continham toda a espécie de bruxaria e António com-

preendeu que o avaro era igualmente um temível feiticeiro.

Tão aparvalhado ficou o criadito, que nem sentiu a presença do patrão. Vendo-se logrado, obrigou o mentiroso a montar certo fogoso corcel que ali aparecera de repente.

Largando em correria doida, atrevessou campinas e valados e sobre a sela, António, encolhidinho de medo, fechava os olhos para não cair.

Súbito sentiu-se arremessado ao chão, transformando-se em canário.

Cego de espanto nada viu, até que reconheceu estar aprisionado.

Lamentando-se cantava tão maviosamente que atraía a atenção da linda princezinha que, a um canto, bordava a bastidor.

(Continua na 4.ª página)

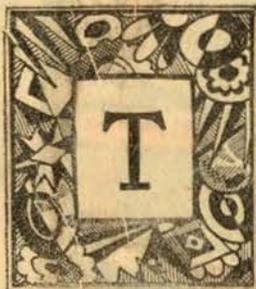


# A REVOLTA DOS RATOS

(No tempo que os animais falavam)

Por JOSÉ FRANCISCO PARREIRA

Desenhos de TIOTÓNIO



ATARA... tátaráá...

—A's armas!... às armaaa-aaaaaaas!...

—Depressa, formem rápido, que o nosso capitão já vem perto.—Estas palavras eram pronunciadas pela sentinela que fazia o seu quarto, em volta do 34.º Batalhão de Metralhadoras Levíssimas, um ratinho pequeno, trazendo ao ombro uma pesada «espingarda», (que era, nem mais nem menos, que um

palito que o sr. Antonio, depois de se servir, atirara para o barracão, onde era agora o quartel general do dito batalhão). O capitão, um ratinho maior, envergando uma linda farda, ao transpôr a porta, disse para a sentinela:

—Deixa o teu posto e toca a reunir.

Passada meia hora, todos reunidos no grande salão, es-

peravam, ansiosos, as novidades que o capitão lhes ia participar.

O capitão, erguendo a voz, disse:

—Meus soldados! O país visinho, acaba de nos declarar guerra...

—O quê??! perguntou a sentinela, então meu capi... pi... pi... pi... tão... que... rra??...

E, num profundo soluço,

—Ai... ai... ai... já morri!

E caiu para trás, com um chelique,

O capitão, então, encolerisando-se, disse:

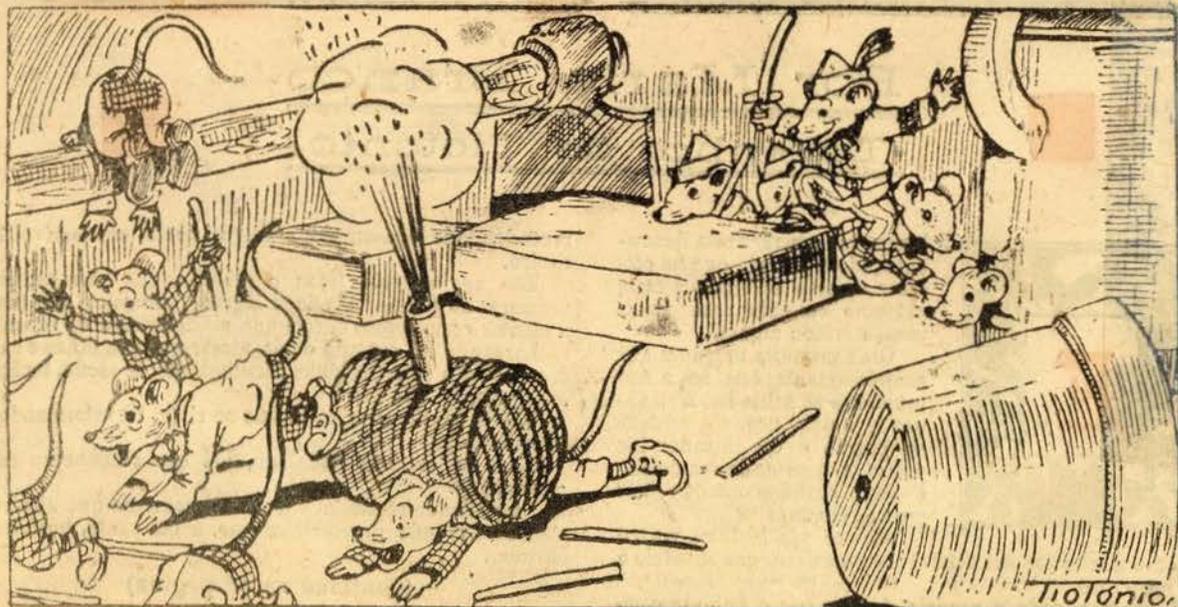
—Todo aquele que não me quiser acompanhar, levante o braço.

Fez-se um profundo silêncio, apenas quebrado por este dialogo:

—O' Manuel... Manuel... que dizes? levanto o braço?

—perguntou um ratinho.

—Está calado, grande bruto. Também és medroso como a sentinela,—retorquiu o outro.







## Coragem recompensada

(Continuado da 1.<sup>a</sup> pagina.)

Agarrou na gaiola, contemplando delicadamente a bela àvezinha.

— «Pobre passarito loiro! Serias o meu companheiro de infortunio mas o teu cantar comoveu-me. Basta que eu seja a enclausurada».

Jámais as portas d'êste castelo se descerrarão. A' minha volta permanecem ferozes guardas, que me gelam o sangue de pavor. Desta gelosia, avisto, ao longe as barbacãs da minha prisão onde morrerei sem ouvir uma carícia nem sentir o calor dum carinho. Foge».

E, collocando o canário em seus dedinhos delgados e brancos, ofereceu-lhe a sempre bemdita liberdade.

O canário voou sem rumo. Estomeado baixou á terra, acercando-se de certo formigueiro que por ali andava.

Ia a debicar um dos insectos, quando ouviu murmurar: — «Não me comas, pois prometo valer-te em qualquer aflicção».

Anoi'tecia.

Sob um frondoso castanheiro, nos ninhos, as àvezinhas pipiavam. O canário acercou-se daquellas ramarias.

Um casal de cotovias palrava ainda.

— «Não viste como a princesa chorava, esta tarde? Os guardas martirisam a pobre Isabelinna» cantarolava a fêmea.

— «Se por acaso um jôvem destemido conseguisse possuir o ovo da águia que o javali tem dentro do peito! Mas para tal, havia de se sujeitar a pastorear os gados do lavrador Anastácio e poder matar a féra».— respondeu-lhe o macho, escondendo a cabecita sob a asa, preparando-se a dormir.

Entretanto, o céu era um manto de estrelas e o canário esperou ansioso pelo raiar da aurora. Ainda brilhavam alguns astros nocturnos, já o nosso canário procurava defrontar-se novamente com a sua formiga protectora. Efectiva-

mente, deparou-a acarretando para o celeiro uma palhinha de feno, doirada e cheirosa a trêvo.

— «Consegue que alcance realizar o meu pensamento» implorou-lhe, Antonio.

Logo o nosso Antonio agradeceu á sua boa estrêla, encaminhando-se para a herdade do senhor Anastácio.

Chegado ali, pediu para falar ao patrão, e mal lhe expoz os seus planos de liquidar o terrível javali, o senhor Anastácio, prometeu-lhe imensas recompensas.

Na manhã seguinte, acompanhou Antonio ás pastagens, as manadas de éguas e vacas, assustadas e tímidas.

Ao longe, a hervazinha teñra e perfumada parecia atapeitar de veludo a extensa varzea.

Entretanto, feroz e violento, o javali rugia impaciente, esperando os animais.

Não foi sem susto que António bradou:

— «Formiguinha  
Amiguinha,  
Acode aqui  
Torna-me em leão  
Valentão  
P'ra matar o javali»

Como por encanto, um belo leão de juba altiva atacou o javali.

Eram tais os uivos que, simultaneamente, soltavam, que na herdade a bicharada anichava-se, afflicta, pelos campos. Aconchegadas em morte, as manadas tremiam de comoção.

O sr. Anastácio, acompanhado duma poderosa carabina, desceu ás pastagens.

A luta continuava sem tréguas nem descanso.

—Quem me dera a mim  
Um as boas bolotas de porco monteiro  
Que eu te diria a ti  
Meu leão guerreiro.—

E no ar, vibravam altivas as implorações do javali.

—Quem me dera a mim  
Um as boas sôpas de vinho  
Que eu te diria a ti  
Meu porco de espinho»

Não quiz ouvir mais, o fazendeiro. Correu à quinta e o maioral trouxe um grande alguidar a trasbordar, do que o leão pedira.

Engulindo-as dum trago, o leão tombou sobre o javali derrubando-o. Instantaneamente alcançou a sua forma humana e, com a faca do mato, abriu o porco-espinho. Ao lado do coração encontrou o ovo ambicionado e António abraçado jovialmente pelo fazendeiro, retomou a direcção do castelo.

As portas de ferro, estavam escancaradas de par em par, Lá de dentro chegavam as lindas melodias dos alaúdes. A princezinha sobre um trono de prata, sorria alegremente ás suas damas de honor.

António estacara atônito.

Isabela veiu junto dêle, dizendo-lhe docemente.

—«Foste tu que me libertaste dos meus tiranos.

Bem hajas pela tua coragem. Ao mesmo tempo que te poderavas do ovo mágico todas as minhas flores se transformaram nestas lindas donzelas, todos os sabres que atulhavam as salas de armas se metamorfosearam em altivos cavaleiros, que correram em meu socorro, matando os meus carcereiros. Dando-te a liberdade enquanto eras bela àvezinha cantadeira, mal pensava que em breve me oferecerias, a maior felicidade que ambicionava.

E's bom e generoso. Serás o meu esposo e futuro Rei».

António ajoelhou reverente.

Os seus trajes de pastor, haviam desaparecido, dando lugar a uma armadura scintilante de cavaleiro-medieval.

No dia imediato a Princeza casava com António e foram muito felizes, não olvidando nunca os pobrezinhos e desamparados do seu Reino.

# F I M





# Romance

— de —

# EL-REI MEUDO

::: Por JOSÉ RAMOS :::

Desenho de TIO TÓNIO

**N**o país todo doirado,  
do Biombo de Veludo,  
tem o seu reino encantado  
êste rei tão ignorado:  
Sua Alteza El-rei Miudo,

E' a muralha da China,  
aquele biombo pequeno,  
que esconde o rei que domina  
a nação mais pequenina  
dum mundo estranho e sereno,

São seus vassalos fieis,  
príncipes todos de renda,  
com cabeleira em aneis.  
— E tomaram muitos reis  
ter um reino assim de lenda...

Palhaços todos vestidos  
com fulgôres de diamante,  
falam muito convencidos.  
São os bôbos divertidos  
desta Côrte deslumbrante.

Guerreiros de papelão,  
e lacaios de flanela,  
seguem como em procissão  
a Duqueza do Japão  
em trapo e sêda amarela,

Sentado num realejo  
o gentil pagem Manecas  
parece ter o desejo  
de roubar talvez um beijo  
à mais linda das bonecas!

Senhores de alta linhagem  
com fabulosas riquezas,  
numa torre de menagem,  
toda feita em cartanagem  
namoram loiras princesas.

Como El-rei Miudo tem  
de caçador grande fama,  
possui no reino também  
cães de raça mais de cem  
— todos de algodão em rama.

Vivia feliz, contente,  
no seu reino de quimera  
êste rei tão inocente,  
que até causa inveja à gente:  
— ser rei assim quem nos dera!

Mas um dia o deus Destino  
quiz que êle fôsse viajar  
num cavalo pequenino,  
disfarçado em peregrino  
à Varanda do Andar!

Numa janela visinha  
viu El-rei uma donzela  
remendada e pôbresinha;  
tinha um ar de pastorinha,  
mas se era pobre, era bela!

El-rei ficou tão pasmado  
só de ver aquela cara  
que esqueceu o seu reinado.  
... E sentiu-se apaixonado  
ante beleza tão rara...

Ela sorriu com tristesa  
e corou de envergonhada,  
por ver que tanta pobreza  
não merecia com certeza  
uma atenção delicada...

El-rei, porém, começou  
uma declaração muda  
— e o seu reino lhe ofertou.

.....  
A pastorinha ficou  
sendo a Rainha Miuda...

F I M



# Desenho Infantil -

POR TIO TÓNIO

**T**OMAMOS uma folha de papel branco (almoço sem linhas) pregue-mo-la ao cartão com 4 alfinetes e, com o lapis bemafiado, vamos dar inicio aos exercicios de desenho.

As explicações vão expostas numa linguagem o mais simples possivel, para poderem ser compreendidas por todos. Pouco tempo é preciso para praticar estes exercicios.

Para maior facilidade na execucao, deve a luz vir dos lados do modelo e não de frente ou de trás.

Este, deve estar na sua posição normal, um pouco abaixo dos olhos do desenhador e não muito afastado.

## 1.º MODELO — Uma lata de cacau ou qualquer objecto cilindrico, cuja forma se lhe assemelhe

Antes de fazer qualquer traço, observem-se as principais particularidades a saber:

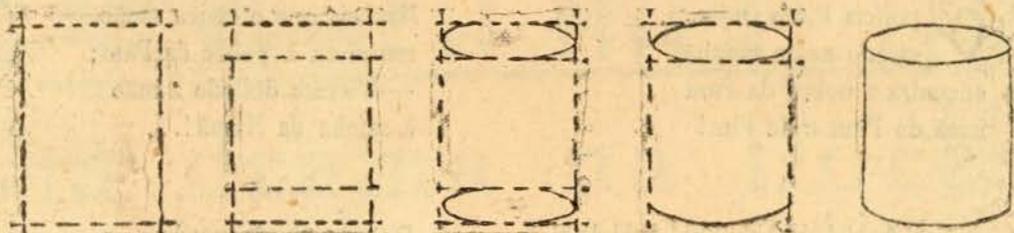
Não se deve espreitar para qualquer dos lados, para apresentar mais detalhes do modelo, que só se apresentam em parte. A vista incide bem de frente e só deve interpretar o que na realidade se lhe apresenta.

Depois de fazerem o modelo na posição mais simples (de pé), tentarão fazê-lo deitado, com a abertura voltada para a frente.

Em virtude da perspectiva, de que mais tarde falaremos, a parte anterior, apesar de ter o mesmo diametro, apresenta-se um pouco mais pequena e tanto mais pequena se apresentará quanto mais afastada estiver dos nossos olhos.

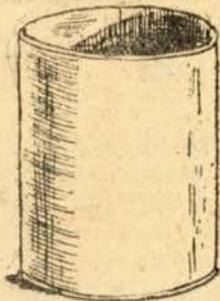
Considerando como importante este pormenor, desenha-se o modelo seguindo a ordem de observações já apresentadas. Depois em outra posição e tantas quanto fór possível.

Repetem-se os desenhos muitas vezes, não se copiando



- 1.º — O feitio;
- 2.º — As proporções e a maneira como se apresenta, em relação a nós.
- 3.º — Os traços principais;
- 4.º — As sombras e cor (se o querem colorir).

Depois de feitas as duas primeiras observações, começemos a desenhar fazendo com o lapis um esboço rapido dos contornos e principais linhas, como a gravura indica.



Definem-se melhor os contornos fechando um pouco os olhos.

De uma maneira geral, apresenta o aspecto de um rectangulo—traça-se esse rectangulo no papel.

A altura é duas vezes maior que a largura, proporção esta que deve ser o mais rigorosamente possivel observada no esboço.

Em seguida verificou-se que o bordo superior tem a forma de um oval (elipse), tanto mais alongada, quanto mais alto está o modelo.

os já feitos anteriormente, até que se possam fazer com toda a correcção.

Estou certo de que até ao próximo número já saberão representar, seja qual fór a idade ou aptidões, este modelo elementar e que não encontrarão a minima dificuldade nos que se vão seguir.

Aguardo as vossas noticias e estou ao vosso dispôr para os aconselhar e elucidar em qualquer dúvida.

Rua do Seculo, 43

TIO TÓNIO

## CORRESPONDENCIA

Armando Costa. — O desinfectante deita-se na altura em que se faz a fusão dos productos ao lume.

O número de gótas é indeterminado dependendo da quantidade da massa.

Antonio Ribeiro. — Já respondi.

Ruy Almeida. — Idem.

Jorge Franco Martins. — Como deve ter visto já, a fórmula que apresentou era exacta. Não respondo particularmente.

Luiz Moreira Pinto. — Só agora posso responder. Não se encontra no mercado senão tinta de copiografo em lilaz e raramente em preto ou azul por serem as mais empregadas.

José Francisco Parreira. — Estás satisfeito? É só o que tenho teu, que por sinal já estava na altura de se publicar. Um abraço.

Rua do Seculo, 43. — Lisboa,

TIO TÓNIO

# Á SAINHA DA MAMÃ

(DE UMA ANECDOTA INGLESA)

Por GRACIETTE BRANCO  
:: Desenho de TIONIO ::



O polícia Pinto Quim,  
saíndo nessa manhã,  
encontra a pobre da Pam  
irmã do Pum e do Pim!

—Anh! Anh! Anh! Anh! Anh! Anh! Anh!...  
(A Pam perdeu-se da Mãe...)  
E o Pinto pergunta à Pam:  
—«O que é que a menina tem?»

—Anh! Anh! Anh!—eis grita a Pam,  
emquanto o povinho atrás!...  
—«Eu perdi-me da Mamã!  
Aí, aí, aí, aí, aí, aí!...»

Mas eis que o cívico então,  
murmura à pobre da Pam:  
—«Tivesse deitado a mão  
à saíinha da Mamã!...»

Decerto se não perdia...»  
(o Pinto Quim continúa...)  
E o povinho enchendo a rua,  
com êle condescendia...

Mas, ante o povo alarmado,  
eis diz espantada a Pam:  
—«O quê?! Eu ter-me agarrado  
à saíinha da Mamã?!...»

E com trágico socêgo,  
explica mais duma vez:

.....  
;A' saíinha!!! Eu não lhe chego  
nem nos biquinhos dos pés!...  
.....

■ F I M ■